

REVISTA ILLUSTRADA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIETARIOS: MARIANO LEVEL & ANTONIO MARIA PEREIRA, GERENTE

NUMERO 33

LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1891

2.º ANNO



SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

(Esculptura de Simões d'Almeida, gravura de Diogo Netto)

nós. Faziam-se flores de seda, e papel antigamente, e não se fazem hoje; porque não estudam os novos modelos? A confeitaria nacional parece que vai desaparecendo ante a franceza, com o seu pão de ló e baunilha; pois a antiga conventual era excellente, san e de bonito aspecto; ás vezes doce de mais, defeito facil de emendar.

Eram industrias das casas religiosas. As de agora são muito mais mysticas que as antigas, nem um especione, nem um licorzinho estomacal, uma miseria.

Antonio Ramalho apanhou muito bem no seu desenho os capiteis historiados do claustro de Cellas; é um desenhista moderno executando bem e traduzindo a impressão; sendo fiel, sem alindar, faz sobressair a frescura, a ingenuidade da arte antiga. Na serie dos capiteis o esculptor medieval conta as lendas dos santos, e os grandes episodios dos Evangelhos com adoravel candura.

São columnas geminadas sobre bases singelas, encimadas de capiteis cubicos, onde nascem os arcos de cintro pleno, românicos, e nas faces dos capiteis a palpitante ornamentação de scenas religiosas.

O claustro, na vida do mosteiro, tem um papel interessante: é um *medio*, está entre o mundo e Deus, entre as officinas, o refeitório, o dormitório, a casa capitular e o templo. Tem o *lavabo*, a fonte fresca, as bellas arvores, as flores, a gentil arcada, com sol e sombra, e os seus cadeirados azulejados. No pavimento as campas dos que foram. Ainda se rezava no claustro; passava-se por elle antes e depois do côro e do refeitório. Era o lugar de repouso e meditação.

Por isto no claustro ainda os artistas continuavam os labores do templo; e as lendas e os episodios santos vinham espiritualisar as arcadas e columnatas.

O desenho de Ramalho dá idéa completa da arcada de Cellas, em perigo de se perder, e que é preciso salvar. É unica no paiz. Que tristeza na acção superior, n'aquella lista de fazenda estampada no *Diario do Governo*, mandando esphacelar um monumento precioso do seculo XIII! Se é impossivel salvar toda essa quadra, ao menos conserve-se um grande trecho, do estilobato, columnas e arcos; e seguramente, em Coimbra! haverá meios de preservar este serviço á arte

GABRIEL PEREIRA.

Aquelle olhar...

No claro azul de um ceu diamantino
Descubro envolto em nuvens côr da aurora
O astro fulgente que minha alma adora,
O olhar que vela pelo meu destino.

Esse olhar, terno, doce, crystallino,
Não é por certo da que amei outr'ora
Nem tampouco pertence a quem implora
O meu amor, n'um extasis divino...

O olhar a cujo influxo meigo e puro
Se esvae depressa a sombra indefinida
Da tristeza que enubla o meu futuro

É a suprema incarnação do Bem
— Sol da minha alma, luz da minha vida,
Elle é, oh Deus! o olhar da minha mãe!

CAETANO GONÇALVES.

Largo municipal de Aveiro

SUMMARIO

O uso e abuso d'um grande nome—A terra dos ovos molles e do mexilhão e a sua respectiva basofia — Reforço pedido á fabula em defeza da verdade—Meteoros e commemorações — Mendes Leal era capaz de ver um jesuita n'uma taça de champagne, sempre ouvi dizer — Livre-me Deus dos fanaticos que eu o livrarei dos atheus—Uma comparação muito bonita com a sensitiva — Entra Schiller na conversa, mas vai-se logo embora — Um mestre d'obras dentro das doçuras do ergastulo—Revista ás tropas e um gato morto—Lyceu e estatua de S. Miguel — Transformações de uma velha povoação — A imponencia e austeridade da caixa do rapé — Catalogo de festejos e um quinau a Oliveira Martins — Contra factos não ha argumentos.

TREZ gravuras que vão insertas n'este fasciculo representam o Largo Municipal da pittoresca cidade d'Aveiro, a patria de José Estevão.

Este nome lendario é o complemento indefectivel da terra. Ha n'esta um orgulho immoderado sempre que se falla no grande tribuno.

Chega a massar toda a gente a vaidade dos aveirenses por serem conterraneos do famoso parlamentar.

Um pae incha sempre dois palmos quando

falla dos filhos. E' sabida a historia do mocho e da pua, em que o primeiro implorou a protecção da segunda em prol da sua ninhada, descrevendo a familia como a maior belleza da creação. Resultado: — foi a rainha dos ares pappar os pobres mochos implumes, ignorando que devorava justamente os seus recommendados.

José Estevão é uma gloria do paiz. Pertence á historia. Tem o seu logar na vanguarda dos pensadores humanitarios. Era um caracter diamantino. O seu denodo equilibrava com a pureza do seu espirito. Na pleiade dos liberaes assignalou a sua passagem como o caudilho mais sincero e mais entusiasta.

Hoje é pó. Volveu á natureza. Ficou o rastro brilhantissimo da sua carreira, como no céu o sulco irisado da cauda d'um meteoro.

Tudo isto é verdade. Sabem-no os patricios do eminente orador. A todo o instante o lembram.

pedra para assistirem ao juramento heroico dos habitantes d'esta terra, que promettem, não direi uma revolta, mas fazer uma algazarra mais estapandea do que o clangor de dois biliões de trombetas.

Bello assumpto para uma tragedia de Schiller. Como no Rütli, podemos dizer em emphasis: — *combatemos pelo nosso paiz, combatemos pelas nossas mulheres e nossos filhos.*

Uma das estampas patenteia o edificio da camara municipal com a sua torre ponteguda e o seu relogio. As quinas reaes advertem-nos que estamos em terras portuguezas, emquanto a Providencia não ordenar o contrario.

Os paços do concelho repartem alojamento com a respectiva administração, tribunal judicial e cadeia comarcã. Esta obra data do ultimo quartel do seculo passado, e o constructor — caso semelhante a Guillotin — foi um dos primeiros que experimentou a prisão.

Nas actuaes secretarias da camara e administração, que foram as antigas aposentadorias da cidade esteve hospedado, sabem quem?

Adivinhem!

Beresford, quando em 1809 veio inspecionar os corpos de milicias d'Aveiro, Coimbra e Figueira, aqui estacionados.

Beresford! um santo varão, que mandou fuzilar um soldado porque ao sacudir um gato morto, que lhe tropeçara nas botas, o atirou por acaso ás pernas de um official.

A outra estampa revela-nos a fachada do Lyceu Nacional, obra devida a José Estevão — eil-o outra vez, agora e sempre!

Foi inaugurado em 1860 e custou perto de 30 contos de réis. Edificio elegante e vasto, demonstra o cuidado que Aveiro merecia ao previsto e extraordinario filho d'esta terra.

A presente gravura é a planta do antigo sitio onde hoje está collocada a estatua do tribuno.

O largo actual era atravancado com uma igreja caduca, da invocação de *S. Miguel*.

Este nome assanhou os liberaes intransigentes que, attendendo ao estado lastimoso do templo e á sua antipathia pelo *usur-*

pador, envolveram *S. Miguel*, a respectiva peanha e D. Miguel n'um só bloco de malquerenças e decretaram a demolição.

Lucrou a praça. Alargou-se este recinto, fizeram-se em volta edificações de algum valor, em substituição de predios chatos e ridiculos.

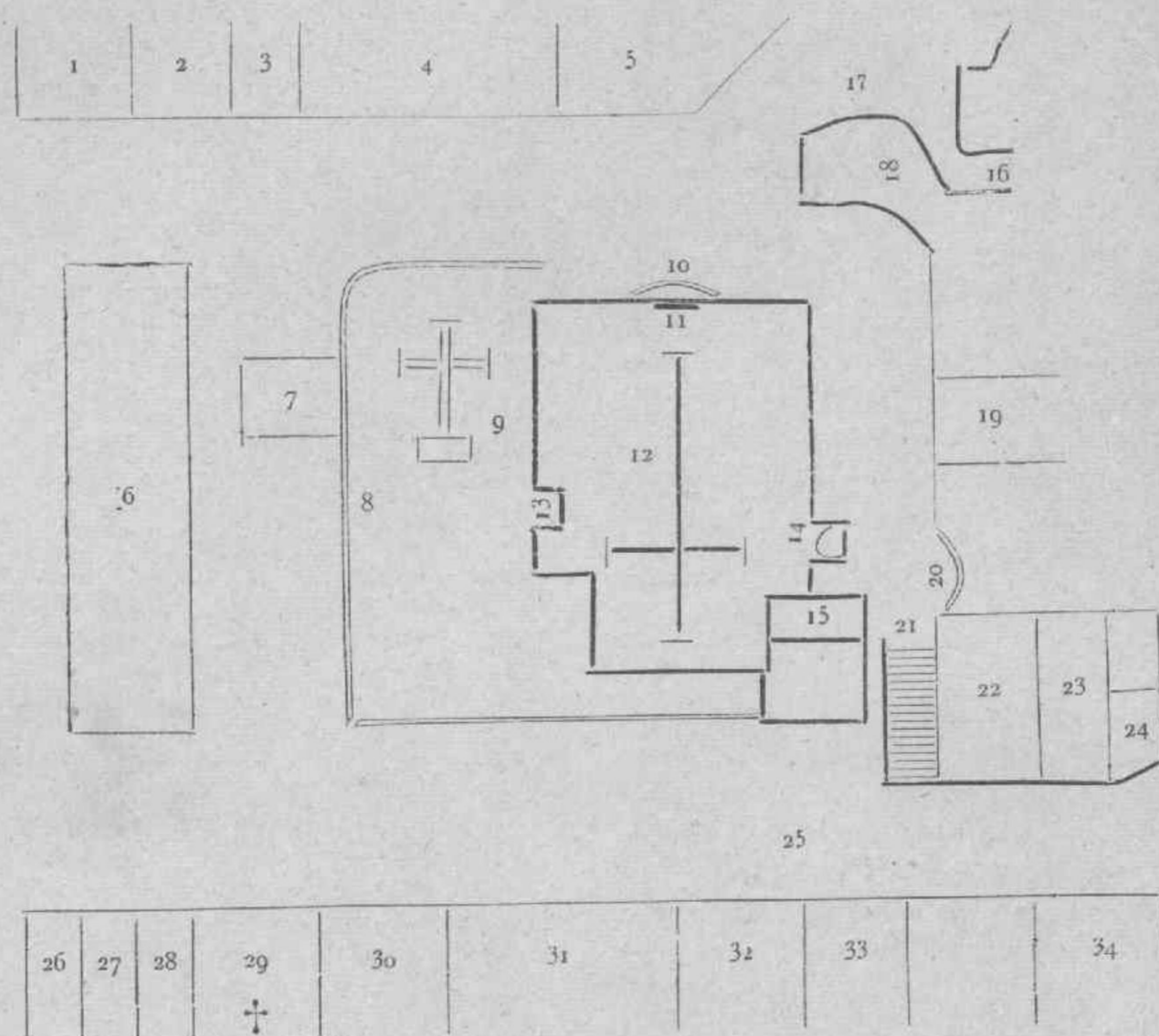
A planta indica a antiga disposição das ruas e casas com a nota dos possuidores d'estas ultimas.

Aveiro é uma cidade completamente nova. Perdeu as muralhas, as suas portas e torres, um aqueducto que a atravessava de nascente a poente, o paço episcopal, um meandro de queilhas e predios esconsos.

Apresentando o esboço d'esse labyrintho perdido, julgamos ter prestado algum auxilio aos estudiosos.

Ha uma coisa que eu respeito muito: é uma caixa de rapé, — e depois d'ella o que eu mais respeito é um archeologo.

A 12 de agosto de 1889 celebrou-se aqui a inauguração da estatua de José Estevão, com um luzimento que andou nas folhas. Este anno



O antigo Largo Municipal de Aveiro reconstituído pela indicação de pessoas antigas

N.º 1, Casa do Verissimo — N.º 2, Casa do João Maria Regalla — N.º 3, Quintal — N.º 4, Hospital de S. Braz — N.º 5, Pateo da casa dos marquezes de Arranches — N.º 6, Edificio da cadeia. Não tinha então a escadaria que lhe dá accessão — N.º 7, Capella para os presos ouvirem missa — N.º 8, Patinão de perto de dois metros de altura — N.º 9, Ádros e cruzeiro — N.º 10, Porta principal da igreja — N.º 11, Igreja de S. Miguel. Tinha n'esta fachada uma oliveira brava — N.º 12, Esta igreja era interiormente do typo da actual matriz de Esgueira — N.º 13, Porta travessa — N.º 14, Porta lateral — N.º 15, Torre de agulha muito elevada com um gallo de bronze no tópe e na parede rolda uma figueira brava — N.º 16, Viela — N.º 17, Descida para o bairro do Alboi — N.º 18, Casa do Leão — N.º 19, Casa pequena — N.º 20, Entrada do Paço do Bispo — N.º 21, Estas escadas vinham da Costeira pelo sitio onde até ha pouco estava a varanda do Antonio José Lopes — N.º 22, Casa do Luiz Carneiro — N.º 23, Casa do Roque da Costeira — N.º 24, Casa de D. Maria Magalhães — N.º 25, Rua da Costeira — N.º 26, 27 e 28, Tres casas d'aluguer pertencentes á Santa Casa e onde hoje está o hospital — N.º 29, Igreja da Misericórdia — N.º 30, Casa do despacho — N.º 31, Casa do Bento Charrica, a qual foi depois do José Rezende — N.º 32, Casa do Manuel Luiz — N.º 33, Casa que depois foi dos herdeiros de Antonio José Lopes — N.º 34, Casa da Cerca Velha.

Perdoem os leitores ao auctor d'este artigo o padecer da molestia do seu berço natal. Hoje esta referencia a José Estevão creio que se torna precisa visto que o jesuitismo está dando flores e fructos. Flores pessimas, é claro, com o fetido de pôr á morte uma provincia em peso. Fructos de maldição que, pelo exemplo de seculos, deviam metter d'atalaia os conductores do povo.

Os peores cegos são os que não querem ver. A religião é um elemento da vida do homem. O excesso de zelo e devoção produz o effeito d'uma blasphemia. Tocam-se os extremos e Deus sorri-se, com certeza, dos hypocritas, que o negam e d'aquelles que o atalegam com incenso. *Est modus in rebus.*

Como diziamos, José Estevão representa para Aveiro o paladio da cidade. Qual sensitiva que se contrae n'um melindre apenas lhe toca a imprudencia d'um curioso, assim a menor offensa ás conquistas liberaes accorda um êcco de indignação em Aveiro, e as cinzas do admiravel orador são arrancadas ao seu tumulo de

commemorou-se esse acontecimento com o brio de quem lava um protesto.

Grande illuminação a gaz, duas bandas em competencia, com muito luxo de instrumental, bandeiras, tropheus, galhardetes e girandolas; lanternas e balões venezianos pelas janelas de alguns entusiastas; serenata no rio e barcos com renques de luzes, eis em elenco os festejos do dia 12 do corrente, n'esta attractiva e risonha cidade.

Oliveira Martins, na sua *Historia Romana*, diz que «o egoismo e a cegueira consequente dominaram sempre as assembleas politicas, em virtude d'essa triste lei que faz do exercicio do poder um patibulo de character.»

José Estevão foi um desmentido a esta lei; dominou as assembleas politicas pela enorme força da sua convicção e pela transparencia completa dos seus intuitos patrioticos.

Quem és tu que assim te atreves a dar um quinau ao mestre?

Quem sou?

Sou um misero fulano sem importancia, que se chama

MELLO FREITAS.

Aveiro, 18 de agosto de 1891.

«OS MEUS AMORES»

DE TRINDADE COELHO

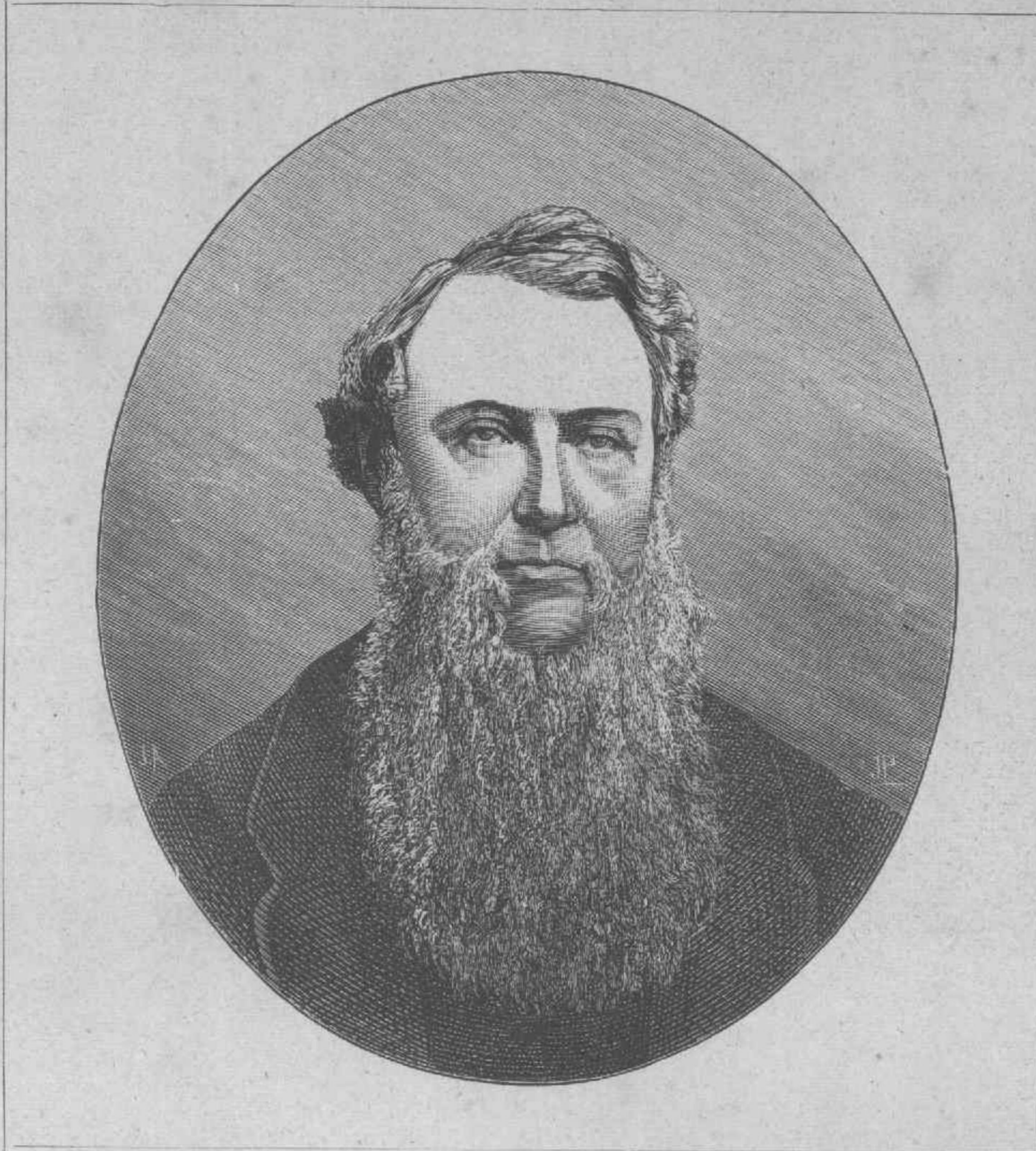
Que deliciosa impressão me deixou aquelle livro, tão adoravelmente simples e sentido!

Antes porém de começar a analysar conto por conto, esse fino trabalho de Trindade Coelho, preciso dizer duas palavras explicando a razão porque me merece tanta sympathia o seu auctor, que de nome conheço só.

Li pela primeira vez o seu nome em umas correspondencias de Portalegre, notavelmente bem feitas, e em que elle elogiava muito um pequenito, distincto em todos os exames.

Aquelles adjectivos de amigo bom e entusiasta fizeram-me convencer que — o delegado de Portalegre — era um excellentissimo rapaz.

E digo rapaz, porque todos nós temos o habito de considerar sempre muito novos aquelles que são da nossa idade... Depois, graças a uma amiga minha, escriptora de grande talento, soube que Trindade Coelho era um grande admirador de Loti — o meu preferido romancista! — admiração entusiasta que elle descrevia em cartas deliciosas de uma vibração que fazia pena não ser repercutida mais longe... Fazia pena ser indiscreção publical-as!



HENRY MAJOR

Traduzia elle então o «Pescador de Islandia»; traducção esplendida que o *Districto de Portalegre* publicou e que o trazia *empoigné*. Para elle era já uma suggestão aquelle trabalho primoroso!

E desde então, Trindade Coelho ficou sendo para mim um artista... Dava a Loti todo o valor que elle tinha e que ultimamente algum se comprazia em querer negar ao academico gentil!

Em seguida li uma suavissima elegia escripta á memoria de Antonio Fogaça — uma flôr ceifada ao desabro-

char! — Eram meia duzia de palavras cortadas por soluços — eu sei, infelizmente, quando se escreve assim!...

Finalmente, o seu nome vibrou de novo aos meus ouvidos, quando os jornaes annunciaram que elle arrancára um preso á cadeia de Portalegre. Um preso que era um innocente, e que como tantos outros, estava condemnado a não ouvir soar, em vida, a hora da justiça... Publicavam tambem o effusivo telegramma em que Trindade Coelho agradecia ao nosso magnanimo rei o seu perdão!...

E eu d'essa vez chorei! Como me succede sempre, que um homem põe a lucidez do seu talento e o entusiasmo do seu coração ao serviço da humanidade que soffre...

O nome do dr. Trindade Coelho gravou-se então indelevelmente na minha alma!

Eu só fixo o nome dos bons!

E pensei em que devia ser uma grande mulher a mãe d'aquelle homem! Os filhos herdám, geralmente, o coração das mães...

Ultimamente a imprensa annunciou o livro que acabei de ler. Pedi-o rapidamente para Lisboa, e li-o de um folego.

Abre com um soneto delicioso, escripto pelo espirito gentil de Luiz Osorio — uma alma luminosa, que brilha, na transparencia dos seus versos filigranados e vibrantes...

Segue-se o *Idylho rustico* — um amor — atravez do qual nós vëmos subir lentamente a estrella d'alva que illuminava, coando a sua dôce luz pelo colmo da cabana, duas cabecinhas gentis, adormecidas, junto uma da outra...

Depois o *Sultão*, um conto singellissimo cheio de naturalidade, em que o Thomé nos comunica a sua alegria contagiosa levada á loucura com a volta do amigo — bem mais fiel do que muitos outros!

A *Ultima d'adiva*, um braçado de goivos atirados por «um simples» a uma sepultura onde lhe ficára preso o coração, para sahir de lá no dia em que teve de se diluir, na esteira do barco que lhe levava o filho para o Brazil.

A *Comedia na provincia*, magnifica de côr local. Magnifica, principalmente para quem conhece typos semelhantes e já tem visto a *Morgadinha de Val-flôr*, — essa perola! — representada pelo Marques do correio... vestido de saias! Para quem dá todo o valor a esse esplendido estudo de costumes provincianos.

Vae victoribus, uma suggestão de remorso primorosamente traçada...

Maricas, uma adoravel poesia escripta em prosa. *Pava a escola*, um beijo de gratidão de uma singeleza adoravel. *Tragedia rustica*, um vibrantissimo estudo das miserias humanas.

Abyssus abyssum, o agonisar de dois anjos, sob o olhar de uma estrella... *Mãe*, a flôr mais linda do ramo, enlevo e agonia de todas as mães que eram capazes de morrer assim... sem abandonarem os filhos... E, finalmente, as *Batalhas domesticas*.

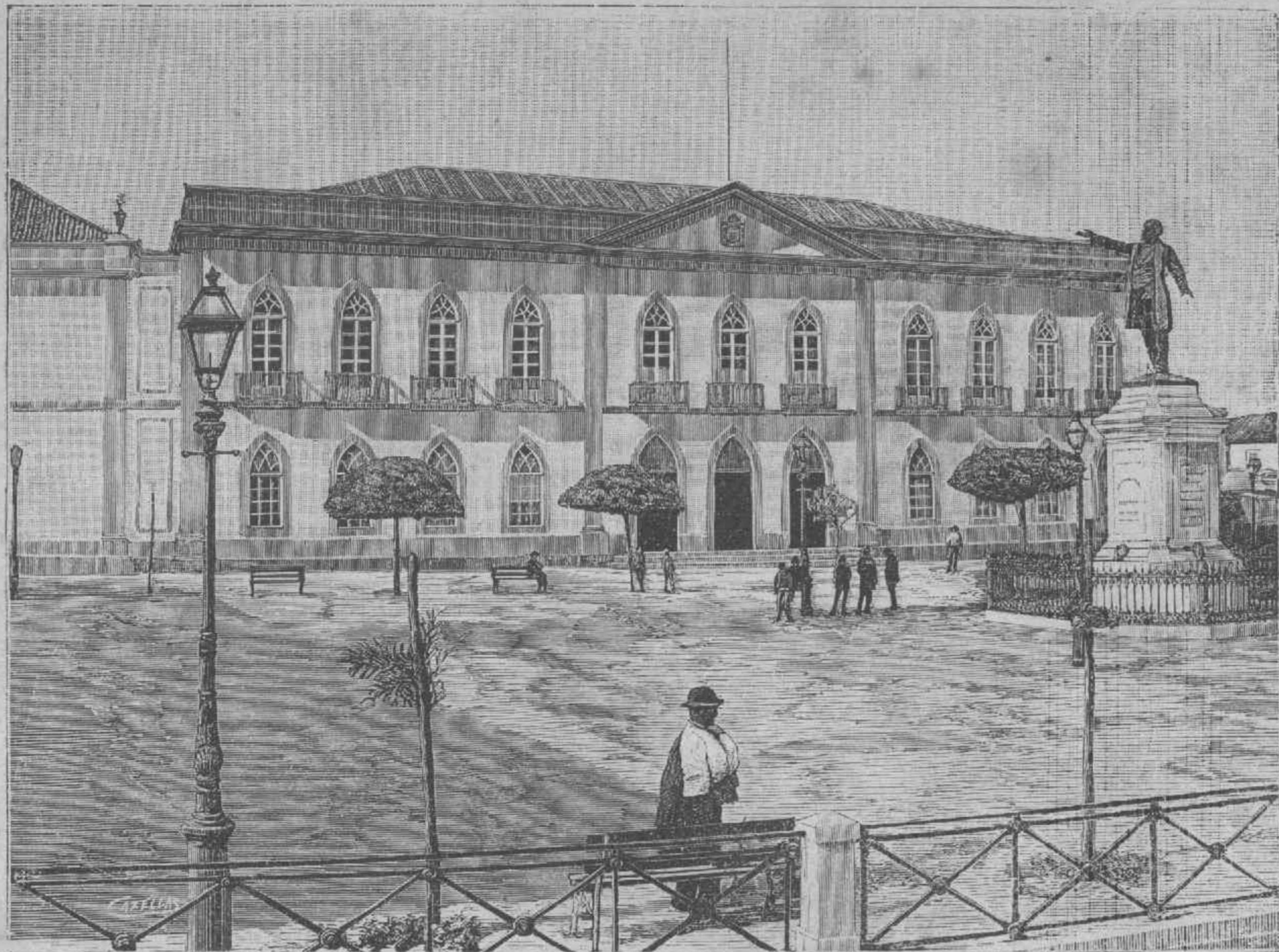
Repito, deixou-me uma impressão deliciosa o livro de Trindade Coelho, que é, a par de um primor de delicadeza, sentimento e arte, um livro honesto, que não fatiga os homens nem faz córar as mulheres. Por isso aconselho a todos que o leiam.

Beja, 19-8-91.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.



ILHA TERCEIRA — O monte Brazil e a cidade de Angra do Heroísmo



AVEIRO — O Lyceu e o monumento a José Estevão



AVEIRO — O edificio dos Paços do Concelho